

# PSDB teme que Sarney o afaste da próxima eleição

Josemar Gonçalves

O novo partido já tem nome — Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) —, manifesto, programa, estatuto e, se depender da aclamação dos filiados, um candidato a presidente da República: o senador Mário Covas, cujo nome foi constantemente gritado tanto nos corredores como no plenário da Constituinte, onde se realizou o congresso de fundação da sigla. Mas o novo partido nasce também com uma preocupação: se poderá ou não participar das próximas eleições municipais, já que o projeto que regulamenta o pleito ainda está nas mãos do presidente Sarney, que poderá vetar ou não as facilidades para a participação das novas siglas.

A preocupação foi manifestada durante o ato de fundação, mas o deputado Saulo Queiroz (MS), que foi designado para falar sobre o assunto, disse que, numa análise realista, considerava muito difícil o veto. "A única hipótese de não podermos participar — observou Saulo — é a de haver veto presidencial do artigo da lei que criou facilidades para essa participação. Mas eu estou convencido — prosseguiu o parlamentar — de que participaremos, porque não vejo como se poderá assumir

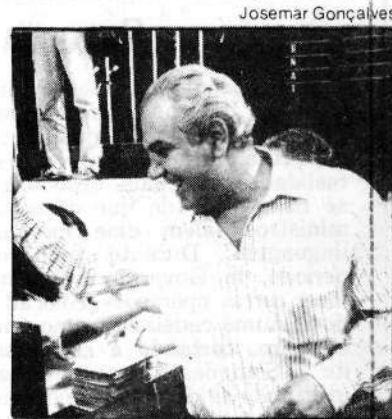
politicamente um veto ao pleno exercício da democracia, após a força demonstrada no nascimento do nosso partido".

## Mil filiados

Afora essa preocupação, a solenidade de criação da nova sigla foi marcada por momentos festivos e, pouco depois das 10 horas da manhã, anunciava-se que o número de filiados já chegara a 1.000 pessoas. Um dos momentos de mais agitação foi quando uma das filiadas resolveu entrar em plenário com um tuano vivo (símbolo do partido), que foi levado à Mesa diretora mas, diante do assédio de curiosos, foi logo retirado. O ex-governador Franco Montoro, que presidia a Mesa, lembrou que uma das lutas do partido é a preservação da natureza, e portanto o tuano deveria ser retirado "para ser preservado".

A nova sigla foi escolhida por ampla maioria de votos: PSDB teve 448 votos, contra 261 para a outra opção, que era PDP (Partido Democrático Popular). Pouco depois, o deputado Nelson Friedrich (PR) subiu à tribuna para sugerir os 11 nomes para a Comissão Diretora Provisória do

partido, logo aprovados por aclamação, a exemplo do manifesto, programa e estatuto. O senador Fernando Henrique Cardoso, que integra a Comissão, convocou imediatamente os demais para uma reunião em seu gabinete a fim de designar as funções de cada um. Ficou decidido que haverá um secretariado de assuntos regionais, para cuidar de todos os interesses do partido, com a seguinte coordenação: região Sul, Mário Covas; região Sudeste, Franco Montoro; Centro-Oeste, José Richa; Norte, Pimenta da Veiga; Nordeste, Fernando Henrique Cardoso. Os demais funções na Comissão são as seguintes: secretário-geral, Euclides Scalco; tesoureiro-geral, Jayme Santana; secretário de assuntos sociais e sindicais, Cristina Tavares; secretário de assuntos internacionais, Moema São Thiago; Assuntos Econômicos, Otávio Elisio, e Assuntos Culturais, Arthur da Távola. A presidência será rotativa, ocupada a cada dois meses por um representante, o primeiro dos quais passa a ser o senador Mário Covas. Seguem-se José Richa, Franco Montoro, Pimenta da Veiga e Fernando Henrique Cardoso.



Richa repudia patrulhamento

## Novo partido já nasce heterogêneo

### Marcondes Sampaio

Para realizar seu projeto político — uma social-democracia à brasileira — o PSDB não chega a representar uma frente política tão ampla quanto o PMDB, mas já nasce sob a marca da heterogeneidade ideológica que caracteriza quase todos os partidos do País. O novo partido abriga desde o ex-secretário-geral do PFL, Saulo Queiroz, um conservador, até a deputada Cristiana Tavares, um dos fundadores da extinta "tendência popular" do antigo MDB.

Se há algum divisor, comparado ao PMDB, é a ausência, entre os fundadores, de representantes do "Centrão", o grupo mais à direita em ação na Constituinte. Mas, se esse grupo não está representado, a lista dos que já se filiaram ou estão a caminho do PSDB está recheada de políticos de origem conservadora, inclusive de alguns que participaram do movimento de 64, como o senador Afonso Ayrines e a deputada Sandra Cavalcanti, indulgenciados pelo fato de terem acompanhado os "progressistas" na maioria dos votos dados na Constituinte.

Sandra, que ainda não se filiou, continua sendo alvo de resistências pelo seu passado de "revolucionária de primeira hora", mas afirma que se inscreverá no novo partido após a convenção do PFL, marcada para o dia 19 de julho. Ela lamenta sentir que o PSDB já nasce com as "práticas fascistas de alguns, que pretendem recorrer ao instrumento antidemocrático do veto, da exigência de carteirinha ideológica".

### Vida inteira

Perguntada se sentiria à vontade num partido de centro-esquerda e voltado para um projeto social-democrático, ela, que antes era identificada como expressão da direita, respondeu: "A coisa que fizemos a vida inteira, nós lacerdistas e udenistas históricos, foi a defesa da social-democracia. Nós, não eles".

"Eles" a que pretendeu se referir a deputa fluminense são setores de esquerda que no Rio e em outros Estados vêm com desagrado a sua adesão. Um dos mais ardorosos defensores de Sandra é o senador paranaense José Richa, também de formação conservadora, e que chegou a condicionar a sua filiação ao acolhimento do nome da deputada.

Empresário e banqueiro, o deputado Ronaldo César Coelho, também não vê nenhuma incompatibilidade entre essa condição de próspero capitalista e a proposta social-democrata: "A meu ver, é perfeitamente cabível a adesão de um empresário moderno num projeto desses, que não deve ser aberto apenas aos retrógrados e aos conservadores".

Exceto na limitação dos juros em 12%, Ronaldo César Coelho acompanhou todas as posições da esquerda na Constituinte. Ele se considera um "reformista, que deseja uma sociedade mais justa", e nesse sentido se julga em pé de igualdade com outros parlamentares considerados progressistas.

### Peculiaridades

O ex-governador de São Paulo, Franco Montoro, um dos dirigentes do novo partido, e antigo democrata-cristão, observa que terão de ser levadas em consideração algumas "peculiaridades brasileiras", e por isso o partido abrangerá desde os liberais progressistas, aos socialistas democráticos, passando pelos democratas-cristãos. Essa aliança, conjugada com a pretendida participação popular, assegurará, segundo Montoro, a ênfase ao social e em especial à integração das populações marginalizadas no processo de desenvolvimento.

O ex-ministro da Fazenda, Bresser Pereira, outro fundador do partido, também defende o caráter social-democrático da nova organização, embora admita que ela se ressentir, nessa primeira fase, de um componente essencial das social-democracias: a base sindical.

O deputado baiano Domingos Leonelli é cético quando a essa evolução da social-democracia à brasileira. Ele entende que o modelo é inaplicável no Brasil porque a social-democracia Europeia, especialmente, a alemã, "foi em parte construída em cima da miséria do Terceiro Mundo", e, diante das disparidades de renda existentes no Brasil, é difícil chegar-se a uma acomodação através desse sistema político e econômico. Leonelli vê o novo partido como instrumento de setores mais modernos do capitalismo brasileiro, voltados para uma pregação antiestatista e abertos ao capital externo, ainda que sob controle do governo e da sociedade.

## Manifesto condena corrupção impune

No seu primeiro manifesto à Nação, divulgado ontem durante a fundação da legenda, o PSDB procura resgatar a bandeira das mudanças sociais, uma das características do PMDB até pouco tempo atrás, partido que cedeu a maioria dos deputados e senadores à nova agremiação.

Em duas laudas e meia, o documento do PSDB relaciona 24 princípios que promete defender a fim de prosseguir a luta pelas mudanças sociais e econômicas no País.

O manifesto faz apenas uma referência ao Governo quando diz que ele deixou de se constituir no primeiro da Nova República para se tornar o último da Velha República. O texto não faz qualquer alusão direta ao PMDB, mas lembra que o povo brasileiro permanece descrente de partidos políticos que não correspondem ao

voto de confiança recebido pelo eleitorado. Ele condena ainda o fisiologismo político e a corrupção impune.

### Parlamentarismo

O PSDB já nasceu com uma posição definida de defender a implantação do sistema parlamentarista no País. O regime de gabinete é um dos pontos programáticos do novo partido que vai lutar para que daqui a quatro anos o parlamentarismo seja adotado através de um plebiscito, conforme permite o texto constitucional aprovado pela Constituinte.

O programa da legenda, como o seu próprio nome indica, vai defender a social democracia com o crescimento econômico com distribuição de renda.

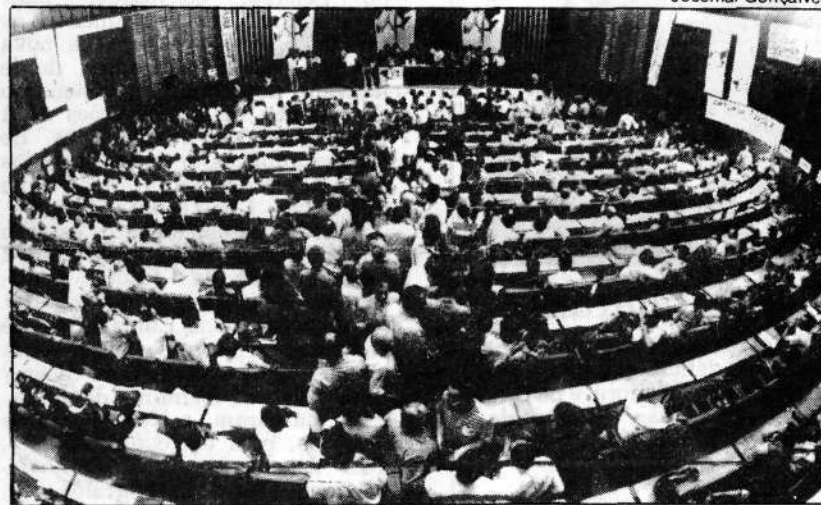
"O PSDB reconhece que a propriedade privada dos meios de produção constitui a base do

sistema econômico brasileiro devendo ser garantida na medida em que atenda ao princípio da sua função social e se harmonize com a valorização do trabalho e do trabalhador".

Em relação à dívida externa, o manifesto é genérico. O documento defende a investigação de suas origens e consequências mediante auditoria e a adoção de uma estratégia compatível com a manutenção da soberania nacional.

O PSDB prega ainda a efetivação da reforma agrária através de um plano agrícola plurianual que combine adequadamente os instrumentos da tributação progressiva e da desapropriação. Outra preocupação é a de reorientar os instrumentos de gestão da economia visando a reduzir a inflação e os gastos públicos.

Josemar Gonçalves



Os integrantes do PSDB lotaram o plenário do Congresso

## Bisol adere como o oitavo senador

O gaúcho José Paulo Bisol foi o último senador peemedebista a filiar-se ao novo partido, que passa a ter uma bancada de oito representantes no Senado. A filiação de Bisol, na manhã de ontem, surpreendeu a maioria dos fundadores do PSDB porque na véspera ele já havia comunicado que não entraria logo no partido, preferindo avaliar durante algum tempo, as consequências de seu surgimento na política gaúcha.

Era tal a crença de que Bisol não se filiaria que o ex-deputado João Gilberto concedeu, horas antes, uma entrevista a uma emissora de Porto Alegre, falando das dificuldades que teria para organizar o Partido no Rio Grande do Sul, porque não contaria com o apoio de nenhum congressista. Os deputados Hermes Zanetti e Vicente Bogo, que vinham conversando com Bisol para tomar uma decisão comum a respeito do PSDB saíram de Brasília na manhã de ontem, para pescar em Goiás, sem saber que o senador havia decidido rever a posição assumida na véspera.

Os três — Bisol, Zanetti e Bogo — estavam hesitantes em aderir ao PSDB por temerem que a médio prazo esse partido venha a atrair políticos que pertenceram à ARENA, antigos adversários, como o senador Carlos Chiarelli e o ex-presidente da Câmara, Nelson Marchezan. Em 1982, Bisol foi um energético opositor de uma aliança entre o atual governador Pedro Simon e Marchezan que esperava, através dessa coligação, eleger-se senador pelo PDS. Por esse antagonismo recente, a eventual filiação de Marchezan ao PSDB, tende a criar problemas de convivência na seção gaúcha do partido.

### Imunidades

Os organizadores do PSDB proclamam que o Partido será imune ao adesismo e à fisiologia, dos que estão apenas em busca de poder, mas não recusam a filiação de políticos de origem conservadora que se mostrem capazes de reciclar suas posições, que seria o caso de Chiarelli e Marchezan. O que eles querem evitar, através de instrumentos de controle incluídos nos estatutos definitivos do Partido, é a filiação de representantes de oligarquias políticas marcadamente de direita ou populistas.

Em três casos, pelo menos, foram evitadas adesões indesejadas. Mesmo sem recorrer aos estatutos, os fundadores do novo partido desencorajaram a filiação da pedessista Vilma Maia, do Rio Grande do Norte, do ex-governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, e do ex-prefeito do Recife, Joaquim Francisco.

Rejeitaram Wilma Maia com receio de filiação dos senadores Lavoisier e José Agripino Maia. A aceitação de Wilma daria a impressão de que os Maia estavam pretendendo apenas colocar um dos representantes da família no novo partido. Fernando Collor não desperta interesse no PSDB por ser considerado populista e em razão do passado malufista. Joaquim Francisco não sofre maiores resistências. O problema é sua base política em Pernambuco, considerada excessivamente conservadora. (Marcondes Sampaio).

## Meta é transformar o Brasil

Aclamado continuamente pelas galerias e por grupos que se concentravam fora do plenário como candidato à Presidência da República, o senador Mário Covas não chegou a empolgar em seu discurso de encerramento do ato de fundação do PSDB. Só recebeu aplausos mais animados quando criticou, como costuma fazer sempre, a "obstinação" do presidente Sarney em colocar como principal meta a obtenção dos cinco anos de mandato, decididos pela Constituinte. Os oradores que o antecederam (senadores Fernando Henrique Cardoso, José Richa e ex-governador Franco Montoro) conseguiram empolgar mais, apesar de nenhum deles ter sido aclamado como candidato a presidente da República.

Para Fernando Henrique, com o novo partido "nasce nova esperança" no país, com a defesa de causas como a reforma agrária e a distribuição justa de renda. "Vamos mudar o Brasil", conclamou o senador, frisando que o

novo partido não estava de "portei-las abertas" para quem quisesse entrar, mas apenas para os que quiserem realmente servir ao partido. Ele prometeu também que o PSDB "terá candidato próprio às eleições presidenciais".

O senador José Richa disse que se sentia renascendo politicamente com o novo partido. "Confesso que já estava me sentindo envergonhado de ser político", disse Richa, reclamando do PMDB, que, segundo ele, não cumpre as promessas de mudança feitas em palanque.

O senador Mário Covas, que subiu à tribuna sob aplausos e palavras de incentivo à sua candidatura à Presidência da República, procurou corresponder ao tom das galerias: "Vamos começar o nosso grito de guerra: dá-lhe tuano". Em seguida, disse que "esperança" será o nome do novo partido, que paradoxalmente nasce num momento em que "a sociedade se debate com sua desesperança e descrença".

## Montoro certo do crescimento

"O PSDB é como um rio, que já nasce com a segurança de que receberá afluentes cada vez mais caudalosos". Essa previsão otimista é do ex-governador de São Paulo Franco Montoro, um dos dirigentes do novo partido, que adiantou uma cronologia das adesões importantes que o partido deve receber a curto e médio prazo.

"Em agosto, teremos a Convenção do PMDB e certamente muitos virão para o nosso lado depois dela."

Montoro apontou essa cronologia para contestar, após um longo e irônico sorriso, a advertência feita por alguns peemedebistas, inclusive pelo presidente Ulysses Guimarães, de que o destino da dissidência peemedebista poderá ser o mesmo do extinto Partido Popular, que foi a reincorporação ao PMDB.

### Bahia e Pernambuco

Um dos Estados onde é previsível a formação, a médio prazo, de um forte núcleo do novo partido é a Bahia, significativamente um dos poucos Estados de onde ninguém saiu do PMDB para integrar-se à nova sigla. A mesma razão que explica a atual coesão do PMDB é a que pode levar à debandada para o novo partido: a liderança exercida pelo governador Waldir Pires sobre os peemedebistas. No momento ele

está empenhado na formação de uma chapa de centro-esquerda para disputar o controle do PMDB, na convenção do partido convocada para o dia 21 de agosto. Derrotado nesse projeto, o que é mais provável, a tendência de Waldir é transferir-se para o PSDB.

Acompanhariam o governador baiano, segundo um dos parlamentares mais vinculados a ele, pelo menos 11 dos 22 deputados federais do Estado, ficando no PMDB apenas aqueles comprometidos com o "Centrão".

Caso realmente Waldir Pires saia do PMDB, isso poderia levar o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, a tomar o mesmo caminho. Arraes, mais do que Waldir, tem uma inclinação aliancionista para as frentes políticas. Mas, isolado como liderança de esquerda dentro do PMDB que deve emergir da convenção, ele talvez se sinta sem condições de permanecer no partido, especialmente se em outros Estados também ocorrer, uma grande evasão dos progressistas. Saindo Waldir e Arraes, pelo menos dois outros governadores identificados como de esquerda — Max Mauro, do Espírito Santo e Carlos Bezerra, de Mato Grosso — também poderão optar pelo novo partido.